

# Ambulância

*Airton Paschoa*

Como viver assim, costumam perguntar os amigos que me restam, raros mas extremosos. Retribuo sempre, para confortá-los, com algum aceno afável. Ultimamente, porém, não sei por quê, têm me insatisfeito as respostas. É como se tivesse, de repente, de chegar a uma palavra... Resultado que o corpo reage mal, começa a se inquietar. Devagar, mas começa.

De onde vem a urgência, também não sei explicar. Nunca me faltou a consciência que nasci e vou morrer nesta cama, por isso não creio em sinal nenhum. Tenho uns bons pares de anos, mas me aguarda quadra igual de vida, senão maior, se Deus quiser. A saúde geral é boa, e a bomba promete não explodir tão já, segundo atesta o positivo do cárdio.

Morar perto de santa casa não explica tudo. A sirene sempre fez parte de nossa vida. Vivemos em meio ao berreiro desde o berço, hospital, escola, fábrica, família, mídia, mercado, política, crematório. Sempre dormi com esse barulho. Agora, no entanto, temo pela minha sorte.

Ontem me virei e descobri. Sei que uma hora puxo a coberta, pego no sono, mas o tempo que ando levando! Fico escutando sem querer, orelhas arregaladas, esse mundo de gente correndo... Basta estender a mão para alcançá-la, por enquanto, mexo pouco, mas quando penso que posso um dia precisar levantar, cubro a cabeça. Como viver assim... Não sei, honestamente. Só sei que vou ao pronto-socorro.

Airton Paschoa é doutor em Teoria Literária pela FFLCH-USP e autor de *Contos Tortos* (Nankin, 1999) e *Dárlin* (Nankin, 2003).